

**Musas na encruzilhada:
ensaios de literatura
comparada**

DANIEL-HENRI PAGEAUX
(MARCELO MARINHO, DENISE
ALMEIDA SILVA, ROSANI KET-
ZER UMBACH, ORG.)

URI, Frederico Westphalen;
Santa Maria, UFSM; São Paulo,
Hucitec, 2011.

**Encruzilhadas do comparatismo,
entre renovação e tradição**

Denise Almeida Silva *

URI, Frederico Westphalen, RS, Brasil

Estaria a literatura comparada, disciplina em constante ampliação e revisão de seu campo de estudo, perante nova encruzilhada? *Musas na encruzilhada: ensaios de literatura comparada*, de autoria de Daniel-Henri Pageaux, ao mesmo tempo em que oferece amplo panorama dos atuais rumos da literatura comparada, provê agudas perspectivas críticas para possíveis respostas a esse questionamento. 200 201

A coletânea divide-se em três partes, precedidas por uma introdução, “O comparatismo entre tradição e renovação”; aos dez ensaios teórico-críticos segue-se uma conclusão, “Comparatismo e humanismo: espaços para reflexão”. A obra é organizada por Marcelo Marinho, Denise Almeida Silva e Rosani Ketzer Umbach, e prefaciada por Eduardo de Farinha Coutinho, eminente comparatista brasileiro de primeira hora, idealizador, junto com Tania Franco Carvalhal, da fundação da ABRALIC, sob a inspiração do XIII Congresso Internacional da AILC (Associação Internacional de Literatura Comparada), organizado por Pageaux na Sorbonne em 1985.

A obra, primeiro livro do estudioso francês em língua portuguesa publicado no Brasil, foi organizada a partir de uma perspectiva relevante para o público do Brasil e da América Latina —daí a abundância de referências a autores e obras da América do Sul e do Caribe—. Contudo, o autor, profundo conhecedor da literatura mundial, transita com igual desenvoltura pela produção literária e crítica da América do Norte, Europa, África e Extremo Oriente, tomando-a como exemplar para suas reflexões. Coerente com o método defendido ao longo da obra, Pageaux convoca extrema variedade de exemplos a fim de, através de diálogo fecundo, atingir uma síntese criadora e propositiva.

Já na introdução Pageaux surpreende: ao declarar a necessidade de explicitar, prioritariamente, a especificidade própria da Literatura Comparada, afirma que “a literatura comparada nada compara”. Esta é a primeira das muitas provocações através das quais o leitor, ao longo de toda a obra, é convidado a repensar, sob a orientação do mestre comparatista francês, os propósitos e rumos da disciplina. Na verdade, essa provocação inicial introduz uma ideia seminal, que será desdobrada e explicitada ao longo da obra: como filha do diálogo, forma mínima do espírito crítico e humanista, a Literatura Comparada promove, simultaneamente, a convergência ou aproximação, e a divergência, que levarão a uma síntese. Assim, antes que servir ao estabelecimento de uma diferença absolutizada, binária, a literatura

* Doctora en Letras, Literaturas de Língua Inglesa (URI). Docente do Departamento de LLA, URI, Frederico Westphalen, RS, Brasil.

comparada verdadeiramente relevante há de escolher o rumo da diferença dialetizada. É, pois, sob a égide do diálogo, e de uma *tertium comparationis*, detectada a partir da interlocução comparatista, que Pageaux concebe as tarefas essenciais da Literatura Comparada: “dominar (intelectualmente) a diferença (torná-la dialetizável), dominar o intransitivo (levá-lo ao diálogo), dominar o diverso e o múltiplo (para torná-lo compreensível, mas preservando sua singularidade plural)” (23).

Os três ensaios reunidos na primeira parte do volume, “A Literatura Comparada em suas encruzilhadas”, avaliam os caminhos que se abrem ao comparatista e ao comparatismo hoje. O primeiro texto, “As leituras do comparatista: literatura comparada e comparações”, parte da premissa de que o ato comparatista é, em sua essência, leitura comparatista ou comparante, e afirma tanto a comparação como a dimensão estrangeira como constitutivas da disciplina. Pageaux reafirma a noção de que do comparatista se espera que saiba agenciar e compor, de forma que seus exercícios conduzam a algo novo; a partir desse olhar, o “entre”, o “acima de”, o inter e o supra afiguram-se como as perspectivas que dão consistência e coerência a sua análise. A defesa dessa ideia, que aponta também para o estudo das relações intertextuais, leva à nova possibilidade analítica: a leitura comparatista a partir de um único texto, em suas ressonâncias com outros. O segundo ensaio, “Diálogos entre comparatismo e ciências e humanas e sociais: história, geografia e antropologia”, como o título indica, analisa a contribuição dessas ciências para a atividade comparatista. A partir das duas primeiras —ou mais especificamente da história e de uma geocrítica, ou mais especificamente, geossimbólica— alargam-se as fronteiras para a reavaliação do tempo e do espaço, em uma perspectiva histórica, social e cultural, e para as articulações entre infra e superestruturas e entre os pólos material e simbólico; através da antropologia estende-se o olhar para a dimensão estrangeira, a alteridade e a presença do Outro. Encerrando a primeira parte do volume, o ensaio “Elementos para uma teoria literária: imagologia, imaginário, polissistema” apresenta uma proposta para o estudo da dimensão estrangeira, agora a partir da imagem, língua segunda para dizer o outro. A partir da percepção de necessidade de basear a perspectiva teórica do comparatismo em elementos teóricos que se atenham à especificidade própria da disciplina e sirvam, também, à reflexão geral em literatura, Pageaux ajusta a teoria do polissistema a três níveis de questionamento: o do campo literário, o da hierarquia de gêneros e de formas, e do sistema simbólico.

A segunda parte do livro, “Da poética do espaço à poética da geocrítica”, reúne, mais uma vez, três ensaios que, com diferentes enfoques, alargam a visão sobre a comparação e a dimensão estrangeira, a partir da problemática do local e do universal. O primeiro deles, “Literaturas de fundação”, observa como, através da letra, tal literatura dá sentido e coerência ao espaço: daí sua capacidade de comunhão, e a possibilidade de tratar o local como uma outra expressão do universal. Conquanto associe a noção de fundação à de emergência, Pageaux distingue entre o texto fundacional e o mítico: aquele pertence à ordem da cultura, e este da natureza. Já o texto seguinte, “Espaços do imaginário americano e literatura mundial: região, nação, continente”, enfoca o romance hispano-americano, problematizando o conceito de espaço nacional a partir da noção de zona, conceito transfonteiriço e transnacional. Atento, Pageaux registra, por outro lado, a continuidade e relevância do cenário nacional em obras de crítica social e política, salientando o cosmopolitismo de alcance continental de Mario Vargas Llosa e o projeto, caro a Carlos Fuentes,

de “fazer parte de uma globalidade crítica”. Em “Exotismos de ontem e hoje”, o efeito exótico é analisado, sobretudo, com respeito ao modo como o exotismo hispânico historicamente influenciou a cultura francesa; o ensaio analisa, ainda, a tensão entre a escrita da alteridade e da diferença em *Tristes Trópicos*.

A terceira parte da coletânea, “Literaturas e culturas em diálogo”, apresenta três textos de caráter mais analítico, introduzidos por ensaio de caráter teórico, “Literaturas, intertextualidade, interculturalidade”, que refina e aprofunda noções introduzidas no primeiro ensaio, “As leituras do comparatista”. A partir da visão de intertextualidade como forma de comparatismo interior, o mestre francês retoma a possibilidade de leituras comparantes a partir de um único texto. Uma vez que a poética histórica reveste questões de intertextualidade de uma dimensão intercultural, tema, modelo e gênero e, mais uma vez, a teoria dos polissistemas merecem reflexões do crítico francês. Com respeito à dimensão intercultural, Pageaux distingue dois níveis: a dimensão estrangeira, ou a experiência do estrangeiro, intensamente transcultural, e o diálogo das culturas, abrangendo tanto contatos, zonas de contato, relações literárias e culturais—inclusive através do deslocamento da viagem— e a mediação cultural, práticas e gêneros literários. Os textos analíticos que seguem a este ensaio estudam: o novo romance na África (analisado em confronto com o romance latino americano); o racismo praticado contra o negro a partir de uma leitura comparada, sob a inspiração do clássico estudo fanoniano *Pele negra, máscaras brancas*, de dois clássicos da América Latina, *El reino de este mundo*, de Alejo Carpentier, e *Jubiabá*, de Jorge Amado; o imaginário das Antilhas que, prensado entre história e política, oscila entre o público e o privado, o manifesto e o “caderno”, a investigação e o conto.

202 203

A conclusão, “Comparatismo e humanismo: espaços para reflexão”, retoma as reflexões de Baldensperger (1921) e Etiemble (1963) acerca da literatura comparada como uma forma de humanismo. Como proposto por Pageaux, o novo humanismo comparatista deve considerar o homem como tema de reflexão e análise, um homem que já não ocupa o centro, inexistente num universo multipolar, mas que deve ser considerado em todas as suas facetas e criações, a partir de perspectiva seletiva e crítica. A partir desse novo humanismo, poder-se-á construir um comparatismo renovado, que diante da proliferação e fragmentação do conhecimento pratique a disciplina da síntese, não em espírito conclusivo, mas no de uma síntese reveladora, em uma dimensão de alguma forma superior, questionadora e descobridora de novos caminhos (as “interferências” no processo histórico de Benjamin, quando do surgimento de algo verdadeiramente novo pela vez primeira): afinal, como Pageaux sabiamente defende, a literatura comparada oferece, antes de tudo, a possibilidade de “pensar de outro modo”.